



CASCATA GRANDE NOS JARDINS DE S.^t CLOUD.

Agosto 24 — 1844.

2.^a SERIE — VOL. III.

Já dissemos [pag. 252] que o objecto mais admiravel no parque de S.^t Cloud é a cascata grande, dividida em duas partes. A cascata superior tem de altura dezeseis braças proximamente, e outro tanto de largura; o remate é adornado com as esculturas de Neptuno e uma Nayade, e com outras estatuas representando os rios Sena e Marne: os lençoes d'agua que dahi procedem cahem magestosamente e terminam unindo-se em uma grande concha ou bacia, donde a agua dividida em nove foalhas vai cahir em um grande tanque, assumindo grandissima variedade de formas tão singulares como agradaveis. Um passadiço separa da inferior a cascata de cima, e desta deriva para a outra a agua, que depois de tres quedas em outros tantos tanques se precipita n'um canal, adornado com varios repuchos. Nos intervallos que formam as cascatas ha enormes figuras de chumbo e bronze, que representam golfinhos, leões, raãs, &c., arrojando quantidade d'agua a immensas distancias: á esquerda vêem-se muitos repuchos, e os jorros que despedem cortam-se reciprocamente e da maneira mais fantasiosa e jucunda aos olhos; um que fica ao lado direito é de tal força que lança o liquido á prodigiosa altura de 140 palmos. A precedente gravura servirá para se conhecer a delineação e conspecto da cascata grande, primorosa obra de architectura hydraulica: seria longo o trabalho se quizessemos particularisar a distribuição das aguas, o numero e disposição das estatuas, os ornamentos ao redor do tanque, as latadas e as arvores da collina que lhe fica nas costas e mais distante.

S.^t Cloud é dos logares que o povo de Paris prefere para seus passeios ao domingo: é numeroso o concurso de gente, que depois de admirar embasbacada o brinco das aguas, já visto pela centesima vez, se espalha pelo burgo a recrear-se em danças, ou procurar refeição nas merendas bem servidas em aceadas casas de pasto. — «Domingo iremos a S.^t Cloud:» — o operario parisiense acha neste pensamento a compensação da fadiga e privações de toda a semana.

COPERNICO. (*)

Na variedade de opiniões contradictorias, que o profundo Copernico examinou para construir o systema planetario, que actualmente é recebido como a hypothese mais plausivel, estudou com mais reflexão duas: — 1.^o o systema dos egypcios que suppunham que Mercurio e Venus giravam ao redor do Sol, e que Marte, Jupiter, Saturno, e o Sol faziam o movimento de circumvolução em torno da Terra: — 2.^o o systema de Apollonio Pergeu que tinha o sol por centro de todos os movimentos planetares, mas cria que o Sol girava á roda da Terra da mesma maneira que a Lua. Estes systemas não lhe pareceram vãos desvairados da imaginação, porque se applicou a examina-los experimentalmente por meio de repetidas observações astronomicas, estudo constante que muito o auxiliou em sua tentativa. Por outro lado viu que os pythagoricos removiam a terra do centro do universo e ahi collocavam o sol: julgou portanto que o systema d'Apollonio se tornaria mais simples e symetrico só com a modificação de estabelecer o sol como centro fixo e suppondo que a terra girava á roda del- le. Viu tambem que Nicetas, Heraclides e outros

(*) Vid. a pag. 181 do presente volume.

philosophos collocando a terra no centro do universo lhe conferiam um movimento rotatorio, necessario por causa dos phenomenos do nascimento e occaso dos astros e as alternativas do dia e da noite. Atendeu tambem áquella parte do systema de Philolau, que tirava a terra do ponto central, e não sómente suppunha que ella se revolvia sobre o seu eixo, mas tambem que tinha uma annual rotação á roda do sol. Assim adoptando as verdades que colligiui de cada systema, e rejeitando tudo o que achou falso e complicado, compoz o admiravel systema, dito copernicano, que permanece como a unica exposição verdadeira do movimento e disposição dos corpos planetares.

Occupou Copernico toda a sua vida no calculo dos phenomenos particulares para dahi deduzir taboas dos movimentos das esferas celestes, e assim fornecer meios de os predizer com toda a simplicidade e certeza; e a este fim e para demonstrar a sua theoria não cessou de fazer observações e de combina-las com as que lhe ministravam outros astronomicos; e quando julgou ter accumulado bastantes observações e provas, applicou-se a expor o complexo dos seus descobrimentos na obra, dividida em seis livros, que intitulou *De orbium caelestium revolutionibus*, na qual reduz toda a astronomia ao dominio de um simples e unico principio. Parece que esta obra se completára pelos annos de 1530, tendo chegado o auctor á idade de 57 annos. Instavam com este para que a publicasse os mais celebres astronomicos, porquanto muito se havia dilatado a fama de tão estupendos descobrimentos; mas elle hesitava, ou porque a pertendesse melhorar com o fructo de ultteriores estudos, ou porque, e seria o mais certo, tivesse receio de vulgarisar tão maravilhosa novidade, que derribava as opiniões até alli recebidas na materia: e infelizmente não se receava sem fundamento. — «Nada ha tão arrogante e intolerante como a ignorancia: [observa Mr. Biot, cuja excellente memoria sobre Copernico tomámos por principal auctoridade] declararai a verdade aos homens; se o objecto os interessa pouco, talvez que vos perdoem o arrojio; mas se o vosso saber extirpa uma opinião apadrinhada de ha muito, ou os desabusa de qualquer prevenção, embora mesquinha e mal fundada, o mero factio de ter sido constantemente admittida a idéa ou cousa refutada é mais que sufficiente para lhes offendêr o orgulho, e muitas vezes para os levar a hostilidade aberta contra quem quer que pertenda mostrar-se mais cauto, ou mais sceptico do que elles.» — O exemplo no caso de Copernico é mui notavel: ao passo que os homens mais distinctos por saber e erudição, unicos juizes competentes em taes assumptos, reconheciam a verdade, belleza, e importancia daquelles descobrimentos, o vulgo desatinou com elles, e intentou declara-los chimeras absurdas, chegando a ponto de ridicularisar o auctor n'uma comedia posta em scena em Elburg. Todavia o venerando caracter deste homem illustre, e talvez ainda mais o silencio que soube manter sempre, o preservou de insultos.

No entanto Copernico percebeu que demorando mais a publicação das suas investigações deixava campo mais livre á ignorancia, e que o desenvolvimento de tão evidentes verdades acompanhado de provas tão numerosas e tão palpaveis seria a maneira de refutar a incriminação de absurdo levantada contra a sua doutrina: por isso consentiu que o seu livro fosse por seus amigos dado á luz, e na

dedicatoria ao papa Paulo 3.º assigna como razão da publicação o desejo que tinha de evitar ser arguido de temor, ou repugnancia de arrostar a critica das pessoas intelligentes; e mais adiante diz que Sua Santidade approvando o livro pôde resguarda-lo das prêzas da calumnia.—A obra foi impressa em Nuremberg sob a direcção de seu amigo e discipulo, Rhetico, que lhe remetteu, concluida a impressão, o primeiro exemplar, o qual chegou ainda a tempo de o ver o illustre auctor, porque dahi a poucas horas succumbiu á grave enfermidade que o atacára, fallecendo aos 24 de maio de 1543, com 70 annos de idade, mas não sem a satisfação de ver estampada a sua obra.

Em 1830 a Academia das Sciencias de Varsovia levantou por subscrição uma estatua colossal de bronze á memoria de Copernico: della se fará idéa pela nossa gravura do n.º 128.

HISTORIA CONTEMPORANEA DA POLONIA.

O czar Alexandre nomeou vice-rei da Polonia a seu irmão Constantino, principe de reconhecida severidade, e que convocou, como por mofa, uma solemne dieta, na qual se declarou que os deputados que não approvassem as propostas do governo seriam desterrados e obrigados a manter á sua custa os soldados que os vigiassem.

Se este desgraçado reino não adquiriu felicidade no dominio de Napoleão (*), tambem não mudou de sorte, sendo regido pelos autocratas russianos.

Alexandre falleceu em 1825, e Nicoláu, que lhe succedeu no throno, não alterou o systema do irmão, muito mais depois de rebentarem revoluções contra a sua auctoridade e dominio.

Pouco depois da exaltação do novo czar descobriu-se em S. Petersburgo uma conspiração; e com o pretexto de ter ella ramificações na Polonia foram presos muitos centenares de polacos, a quem depois soltaram por se lhes provar a innocencia. Em 1829 coroou-se Nicoláu em Varsovia como rei de Polonia, sem mostrar por acto algum publico que se achava disposto a modificar a sua politica. Seja porque lavrasse geral descontentamento entre os polacos, ou porque á policia russiana conviesse a apparencia de certas maquinações, é certo que os habitantes de Varsovia foram accusados de tramarem secretamente uma conspiração contra o imperador—do que resultou encherem-se os carcerees publicos de victimas polacas.—Diz-se que este procedimento exasperou por tal arte o povo polaco, que se transformou em realidade o que até alli não passava de suspeitas. Os officiaes da exercito, grande numero de cadetes do collegio militar, e os cidadãos de toda a classe, juntos ás pessoas de primeira grandeza, resolveram libertar o paiz da occupação do exercito russo. A voz de um joven official polaco empunharam as armas no dia 19 de novembro de 1830 todos os cadetes que se achavam no collegio militar, os quaes formando-se em companhias se dirigiram á residencia do vice-rei, archiduque Constantino, em Belvedere, distante pouco mais ou menos de meia legua, com o intento de se apoderarem da sua pessoa. Reuniram-se-lhes no caminho os estudantes da universidade, e desejosos todos de vingarem as injurias feitas á patria, arrombaram as portas do palacio do vice-rei, que

pôde subtrahir-se a seus inimigos escondendo-se, por diligencias do seu criado, n'um armario encravado na parede, donde de noite se evadiu por um postigo para os vizinhos campos.—Correram os sublevados as ruas bradando—*ás armas!*—e logo as tropas polacas se lhes uniram, apossando-se do arsenal, que continha 40:000 armas e os competentes petrechos. No dia seguinte tornou-se geral a revolução, sendo astropas russianas arrojadas de Varsovia, que ficou guarnecida por 40:000 polacos. Convocou-se um conselho administrativo para manter a ordem e dar mais força ás providencias que se houvessem de tomar, ao qual foram chamados os mais distinctos nobres do paiz. Procedeu-se á organização da milicia patriotica, e se formou logo um governo municipal. Os polacos proclamaram ditador o general Chlopicki até á reunião da dieta convocada para o dia 18 de dezembro.

Quando a noticia deste successo chegou a S. Petersburgo, exclamou Nicoláu summamente irado: «Deus está conosco, e com uma só batalha submeteremos esses perturbadores da paz.» Constantino se retirou da provincia de Varsovia com tres regimentos de cavallaria russiana e dois de infantaria; e poucos dias depois declarou a dieta haver terminado o dominio russo na Polonia, proclamando ao mesmo tempo a independencia deste paiz: tambem declarou vago o throno dos Sobieskis e Jagellões. Como a historia não tenha ainda consignado nas suas paginas os successos desta guerra, nem tenhamos della outras noticias alem das que nos transmittiram os periodicos contemporaneos, e outras que obtivemos de viajantes e fidedignas testemunhas de vista, limitar-nos-hemos a mencionar os acontecimentos mais notaveis, e de que tem dado conta a imprensa livre de França e Inglaterra. Tendo o general Chlopicki resignado a dictadura no dia 19 de janeiro de 1831, nomeou a dieta para commandante em chefe do exercito nacional o principe Radzivil; entrando quasi ao mesmo tempo na Polonia um formidavel exercito russo sob o commando do general Diebitsch, que acabava de concluir victoriosamente a guerra contra a Turquia. Os russianos ganharam logo uma batalha quasi junto aos muros de Varsovia, perdendo nella os patriotas 5:500 homens, e os vencedores talvez igual numero. Os polacos conheceram então o que ha mais tempo deveram ter apprendido na historia; isto é, que em guerras de revolução são bons caudilhos tão sómente os que tem honras e riquezas a ganhar e nada que perder. Por tal motivo foi aconselhado o principe Radzivil a largar o mando do exercito, indo-o substituir Skrzynecki, militar de valor, talentos e decisão—um segundo Kosciusko em merito e desventuras. A primeira acção justificou o acerto com que fôra eleito. Este activo caudilho partindo de Varsovia para a cidade de Praga, no outro lado do Vistula, ao abrigo da escuridade da noite, avançou cautamente até aos quartelamentos russianos, onde chegou sem ser sentido. Atacou sem demora a divisão do general Geismar, composta de 40:000 homens, na qual fez horrivel mortandade, voltando á capital na manhã do dia 31 de março com 4:000 prisioneiros russianos e toda a artilheria inimiga. Como na guerra só se obtem vantagens proseguindo-a com actividade, Skrzynecki marchou immediatamente contra o general Rosen, que se postára em Dembe Widski com 20:000 homens, os quaes desalojou de todas as posições, fazendo-lhes 2:000 prisioneiros e tomando-lhes nove

(*) Vid. a pag. 223 e 224 do vol. do Panorama de 1841, o artigo da historia da Polouia.

peças de artilheria. Depois de dar algum descanso ás tropas atacou o corpo principal dos russianos próximo a Zeleckow, causando-lhes a perda de 12:000 homens entre mortos e feridos, e de todo o trem de artilheria. Nesta sanguinolenta batalha tiveram os russianos a desgraça de voltarem contra elles as armas dois regimentos de lithuanios e wolhynios da sua linha de batalha que se uniram logo aos patriotas. A noticia desta ultima victoria pegaram em armas os habitantes da Lithuania, Wolhynia, Kowno e Wilna, propagando-se a sublevação até Smolengo, comprehendendo assim quasi toda a antiga Polonia. Não foi tão afortunada uma divisão do exercito polaco mandada pelo general Dwernicki, encarregado de acossar os russianos pela retaguarda, o qual, postoque ao principio algumas vantagens obtivesse contra o inimigo, se viu todavia obrigado, dentro em pouco tempo, a retirar-se para o territorio austriaco com 5:000 homens, e por conseguinte a entregar as armas ás auctoridades austriacas. Skrzynecki, vendo-se só em campo contra a maior parte do exercito russo, e querendo pôr em pratica quanto estivesse ao seu alcance para que as tropas polacas não desanimassem, resolveu dar no mez de maio a batalha de Ostrolenka. O exercito russo passava de 55:000 soldados veteranos, ao passo que o da Polonia contaria apenas uns 20:000 homens, pela maior parte paisanos recentemente alistados. Diz-se commummente que na guerra não vale o numero, mas a fortuna; — observava-se no entanto que o numero junto á disciplina é quem obtem quasi sempre a palma da victoria: pelo que não é de estranhar que os polacos fossem derrotados no mencionado combate. Porem como no mesmo dia houvesse o general Chlapowski ganhado uma batalha em Mariampol contra os russianos commandados por Sacken, conservou-se o ardor patriótico dos polacos sem a mais pequena diminuição. Esperavam estes animosos cidadãos que os poderosos gabinetes que no congresso de Vienna haviam promettido manter-lhes a existencia e independencia politica, os protegessem neste conflicto, por sua propria honra — acharam-se porem enganados. A Austria e Prussia não quizeram intervir receando perder as provincias que haviam usurpado, e estavam incorporadas ás suas coróas; a França achava-se a braços com uma revolução de dynastia; e Inglaterra não quiz envolver-se em guerra cuja despezas carregaria toda sobre ella, como lhe acontecera na guerra peninsular. O general em chefe Diebitsch morreu repentinamente de cholera-morbus no mez de junho, e lhe succedeu no commando o general Paskewitsch, já bastante famoso por suas campanhas contra a Persia. Este general proseguiu nas operações militares com grande ardor, acontecendo o mesmo do lado opposto. A primeira batalha ganharam-na os polacos sob o mando de Chrzanski; occorrendo porem a esse tempo uma das desgraças quasi sempre inseparaveis das revoluções. Causas ainda hoje ignotas produziram uma mudança de governo em Varsovia, com grande admiração dos cidadãos. O general Skrzynecki foi exonerado do commando dos exercitos, do qual se encarregára o general Dembinski, cujo valor, junto ao dos seus tenentes generaes, Roziski e Czartoriski, não era bastante para conter o poder das armas russianas. A ultima providencia que alli se adoptára para salvacão do paiz foi a de nomear Krukowiecki ditador da Polonia, e o derradeiro esforço para salvar a honra, o de defender até ao extremo a capital do

reino fortemente accommettida por Paskewitsch. O máu fado, que até este tempo perseguia a Polonia, permittiu que no cabo de dois dias dos mais sanguinolentos combates Varsovia se rendesse ao poder do czar moscovita. Nada achámos que dê mais adequada idéa deste ultimo esforço dos cidadãos do que o officio em que o general russo communicava a seu soberano esta grande victoria.

«Bateram a cidade [diz elle] 232 peças e morteiros, que dispararam 29:000 tiros; sendo aquella defendida por 132 canhões. Nos diferentes assaltos pereceram 3:020 soldados russianos e 63 officiaes; subindo a 7:500 o numero dos feridos, comprehendendo 445 officiaes. — Ficaram prisioneiros na praça 60 officiaes e 3:000 soldados, sendo sido muito maior o numero dos mortos em consequencia do fogo destruidor de artilheria nos edificios da cidade. Das divisões polacas que se achavam fóra da capital entregaram-se aos russianos 1:200 generaes e officiaes, e 4:000 soldados.» — Os demais cidadãos que haviam empunhado as armas condemnaram-se a voluntario desterro, retirando-se para diferentes terras da Alemanha, França e Inglaterra, aonde, como era d'esperar, foram recebidos com enthusiasmo. Dos que, havendo tomado parte na sublevação, se deixaram ficar na Polonia, os mais distinctos foram desterrados para o interior da Russia e Siberia; os mancebos tem sido mandados para a Russia a fim de alli se acostumarem a ser russianos. Até a lingua polaca foi prohibida nas escholas por um ukase imperial, que determinou ao mesmo tempo se ensinasse em lugar della o idioma moscovita.

DOS DIVERSOS REGULAMENTOS ADOPTADOS NAS DIFERENTES NAÇÕES ACERCA DA SUBSISTENCIA DOS POBRES. (*)

Russia: — Os pobres abi ordinariamente ficam a cargo daquelles em cujo poder adocem: os hospicios do estado sendo tão raros quanto o são as cidades e grandes povoações do imperio, a auctoridade obriga os proprietarios das terras e os chefes dos estabelecimentos a alimentar os individuos que os servem. Todo o homem que abre um estabelecimento industrial de 35 operarios deve ter promptas duas camas para os enfermos ou estropeados no seu trabalho, 4 por 50 operarios, e d'ahi para cima n'uma proporção igual.

Noruega: — Apesar da pequena população que lhe cabe, os pobres abi são muitos: a força, e poder publicos mettem os pobres em casa dos ricos, como seus aboletados.

Dinamarca: — Aqui ha uma legislação completa que regula o pauperismo. Uma taxa parochial peza sobre todos os habitantes da parochia, comprehendidos mesmo os criados de servir. Os pobres que por qualquer modo chegam a adquirir, e enriquecer, devem restituir ao cofre geral os beneficios recebidos; e todo o homem desoccupado deve forçosamente entrar no serviço d'alguem.

Prussia: — Neste paiz não se reconhece o estado obrigado a socorrer os indigentes: os pobres portanto estão a cargo das municipalidades respectivas.

Baviera e Wurttemberg: — São as parochias que se encarregam dos indigentes: a estes é prohibido casar sem auctorisação da administração; e esta fa-

(*) Vid. as breves considerações sobre o pauperismo, em o n.º antecedente pag. 258.

culdade lhes é denegada se não provarem que possuem um certo capital.

Berne, e outros cantões suíços: — Os pobres e os engeitados são adjudicados em praça ao primeiro que delles se quer encarregar: o adjudicatario fica senhor por certo numero d'annos de seus serviços: é a *servidão* disfarçada.

Hollanda: — O pauperismo parece crescer na razão directa das medidas que se tem multiplicado para o prevenir. Entre estas tem-se creado colonias agricolas que mui pouco prosperam, como era de esperar.

França. — Desde o tempo de Francisco 1.^o até Luiz 14, a auctoridade se declarou severa contra os mendicantes: as penas foram exasperadas com barbaridade desde a prisão temporaria, e o exilio até as galés, e os açoites. Luiz 16, o monarcha a quem os francezes se costumaram a apellar *o melhor homem do seu reino*, aboliu estes castigos aviltantes e excessivos, e propoz-se a crear asylos da mendicidade em todas as provincias; mas o fim prematuro e tragico do seu reinado suspenderam este designio. Seguiu-se a revolução que com estranha vaidade e aberração de todo o senso commum publicou: — «Que não era possivel haver pobres no paiz da liberdade.» — E o successo mostrou que nunca tinha havido tantos.

Cessado o regimen da tyrannia voltou-se ás ideas philanthropicas de Luiz 16.^o; e Napoleão em 1807 ordenou expressamente a criação de 60 até 100 hospicios para recolher os mendigos. No anno seguinte mandou que houvesse uma casa central de mendicidade em cada departamento, e os gastos do seu entretenimento ficavam a cargo da povoação em geral. Abriram-se com effeito alguns; em Paris dois; mas de todos os departamentos choeram queixumes e reclamações pedindo a suppressão desses estabelecimentos como depositos de crimes, e d'immundicie. Subsistem somente seis, e d'esses apenas os de *Bicêtre*, e de *la Salpetriere* satisfazem d'algunha maneira ao fim proposto. A auctoridade publica continua a fiscalisar que não se pratique a mendicidade, e prende effectivamente os pedintes. Mas se não proporcionaes trabalho aos braços vigorosos, se não recolheis ao abrigo da caridade os miseraveis indigentes, como quereis que não mendiguem?

A questão portanto está ainda complicada: e em quanto os calculos da sabedoria humana andam ás apalpadelas procurando a medicina adaptada a esta enfermidade social, não cessemos de clamar que *todos os regulamentos serão insufficientes em quanto as classes superiores não estenderem mãos caridosas aos pobres*. Afóra estes, quatro são os meios que os publicistas apontam como dependentes da auctoridade publica: 1.^o hospicios para os enfermos velhos, e invalidos, e os expostos. 2.^o colonias agricolas livres, voluntarias. 3.^o colonias agricolas forçadas; isto é em que se façam trabalhar os válidos, e restabelecidos. 4.^o casas de detenção em que os presos condemnados encontrem occupação e trabalho.

ARCHEOLOGIA LUSITANA.

Os castros em Trás-os-montes.

NADA é tão vulgar no nosso paiz na massa do povo, ordinariamente simples e ignorante, como attribuir aos mouros as construcções e monumentos antigos

de que não sabem a origem. Um templo de estrutura gothica, um castello e suas muralhas, um aqueducto, uma ponte, tudo é obra de mouros, se a data destes edificios transcende poucos seculos, ou se a fórma de sua architectura se affasta dos usos modernos. E o peor é que nestes grosseiros anachronismos caem mesmo algumas pessoas a outros respeitos cultivadas. Com magua o dizemos, a archeologia, ou a sciencia das antiguidades, esta primeira idade da historia d'um povo, ou antes a base da sua historia é cousa tão pouco seguida, e estudada entre nós que até quasi se desconsidera, e olha com uma especie de desprezo.

E comtudo não nos falece um rasoado catalogo de bons antiquarios; — o mestre de todos, André de Resende, Gaspar Estaço, Barreiros, o Dr. João de Barros, Fr. Bernardo de Brito, Marinho, Diogo Mendes de Vasconcellos, Contador d'Argote, escreveram sobre nossas antigas historias com investigação critica; e muitos outros de nossos mais estimaveis escriptores e litteratos se não dedignaram de cultivar esta sciencia, taes como Diogo de Pavia, o bispo Osorio, e o prior mór da Ordem de Christo, D. Diogo Pinheiro. Resta porem ainda vasta seara; e apesar do incurioso vandalismo com que a despeito do são juizo, e das leis se vão apagando cada vez mais os monumentos, e reliquias antigas, muito temos ainda que aproveitar, e muito mais ainda que combinar e decifrar, porque em verdade possuímos melhores instrumentos para isso do que os nossos passados. A historia philosophica, a historia critica, ou a critica da historia é sciencia moderna.

Entre os monumentos antigos de que já deu noticia aquelle laboriosissimo antiquario D. Jeronymo, Contador d'Argote, nas terras da antiga chancellaria de Braga, figuram como um mysterio indecifrável aquelles circulos formados no chão em muitos logares da provincia de Trás-os-montes a que os naturaes chamam *castros* ou *crastos*. Antes de visitarmos aquella provincia muitas vezes ouvimos fallar delles com uma certa impaciencia, pelo incognito de sua origem, a outro sabio portuguez, o qual sendo transmontano, muitas vezes viu e examinou aquelles monumentos, que tinha quasi á porta de casa. Era este o Sr. Antonio Ferreira de Sousa, lente de leis na universidade, e ultimamente arcebispo de Lacedemonia, vigario geral do patriarchado. Annos depois tivemos occasião de ir alli contemplar esta antigualha, e nos confirmámos na opinião de que os taes *castros* não podiam ter sido o que indica este nome, e que o dizerem eram reductos ou fortins levantados pelos christãos para se defenderem das correrias mouriscas não era mais do que a explicação popular e bannal de que acima fallámos, attribuindo tudo a mouros, ou ao tempo dos mouros. Impossivel era com effeito que com um pouco d'attenção e reflexão qualquer mediana intelligencia se capacitasse que os taes circulos servissem d'obras militares. Primeiramente não são construidos em penhascos, ou picos elevados das montanhas, onde não fosse facil chegar invasão inimiga, maiormente cavallaria arabe, ou mourisca, que era a força principal de suas armas. Pelo contrario estão em campo aberto, e ordinariamente em planicies, e o resto de sua construcção repugna á indicada serventia.

Consistem os taes circulos, ou castros n'uma elevação circular formada de terra, e pela maior parte circundada de grossas lages, se o terreno asfor-

nece; n'outros é um pequeno valado ou parapeito de terra cercado a elevação redonda por circumferencia; não se lhe vêem fossos, nem outro algum indicio d'obra militar, e sua altura não passa d'uma vara: vimos tambem outros de parede de pedra insóça circumdante; e todos elles espalhados a uma certa distancia uns dos outros com uma certa regularidade. Aquelles que examinámos estavam [e provavelmente existem ainda] naquella taboleiro, ou porção de terreno elevado, mas quasi plano no cimo, entre Lebução, Monforte, e Tinhela no termo de Chaves. O recinto dos taes castros poderia conter de 200 a 300 pessoas quando muito. Ficámos perplexos e duvidosos sobre a origem e destinação dos taes monumentos até que proximamente nos cahiu nas mãos um livro intitulado = Historia de Galizia, que comprehende los origenes, y estado de los pueblos septentrionales y occidentales de la Espana = por D. José Vereá y Aguilar, impressa no Ferrol em 1838. O auctor que parece instruído a fundo nas historias da sua patria, Galliza, mostrou com quasi evidencia que outros semelhantes monumentos derramados naquella provincia são obra dos *celtas*, e que a sua serventia era religiosa, eram templos dedicados ao culto pagão de suas divindades.

Eis como o mesmo escriptor se enuncia: «Creio que em nenhuma outra parte ha monumentos mais classicos da religião principal dos celtas do que na nossa Galliza, já seja de sitios que tinham como templos segundo o seu modo de pensar de que o universo era o santuario da divindade, já porque o culto devia ser livre, ao ar aberto, em logares incultos e puros. Em toda a Galliza se vêem semeados uns circulos de terra e terrão formando como um pequeno valado ou cordão em toda sua circumferencia, excepto para a entrada, com uma planicie interior, não em todas, porque em algumas por ser o terreno penhascoso se levanta no meio uma pequena altura ou *mamelão*; tal é o que se encontra na parochia de Figueiras perto de Santiago a que chamam *castro* de Marmancão. Todos elles se chamam geralmente *castros*, e tem seus particulares apellidos; estão construídos não nos montes elevados, nem nas encostas das serras, antes sim nos pontos mais accessiveis, e alguns como é o d'Aboim na jurisdicção de Villasante estão em perfeito plaine. A estendida proporção de todos elles por toda a Galliza, quasi a mesma das parochias actuaes; a figura perfeitamente circular dos mesmos, e sua localidade affastada dos sêrros e montanhas, são observações que não deixam duvida de que eram templos dos celtas gallegos. Acresce que os circulos dos druidas na Escocia se chamam igualmente castros, na lingua celtica *carn*. *Reisler* nas suas antiguidades celticas e septentrionaes põe um destes circulos com uma azinheira, ou carvalho no centro, emblema religioso que é natural houvesse tambem nos da Galliza. O que confirma ainda mais a nossa opinião são outras pequenas elevações circulares de terra igualmente espalhadas nesta provincia a que chamam *mamoas* ou *modorras*, que não eram senão sepulchros dos magnates ou heroes daquelles tempos, como se prova pelos achados que ahí se tem feito.

Até aqui o auctor hespanhol. Ora já vemos pela confrontação de uns e outros *castros*, os que estão espalhados pela Galliza com os que deixámos descriptos no alto da provincia de Trás-os-montes, que todos elles são uma e a mesma cousa; só com a differença accidental que d'estes ultimos são mais em numero os que estão cercados de pedra do que de

terrão, talvez porque o terreno a fornecia melhor nestes que naquelles. Dois pontos somente resta a demonstrar: 1.º que os celtas se estenderam até Trás-os-montes; 2.º que os taes circulos chamados castros eram monumentos religiosos destes povos antigos. Quanto ao 1.º, André de Resende já mostrou em suas Antiguidades, analysando passagens de Plinio e d'outros geographos gregos e latinos, que estes povos antiquissimos se encontraram na Hespanha com os iberos; e uma parte se misturou com elles, e outros retrocedendo da Andaluzia, e centro da peninsula se estabeleceram na Galliza. Ora destes vieram os *callaicos* que se estendiam pelo alto da provincia de Trás-os-montes até o Douro. E note-se que a toda a parte onde chegaram as invasões destes povos deixaram ahí atestada sua origem nas denominações seguintes: — *gallos*, *gallos-celtas*, *celtiberos*, *gallatas*, *gallo-grecios*, *gallaicos* por alteração d'uma letra, *callaicos*.

Quanto ao 2.º em Cesar nos Commentarios, em Tacito, e outros antigos se acha a antiga religião dos gallos-celtas que adoravam o seu deos *Teut* nos bosques, nos lagos, e no campo aberto nestes recintos ou circuitos, debaixo do carvalho, ou azinheira consagrada. Talvez que aquella lapide que Argôte menciona na via militar do Gerez com a legenda *Endo Castrorum* denotasse a adopção que os romanos fizeram desta divindade celtica, porque *endo* significa deos. Talvez que alguns dos costumes, e trajés, e usos transmontanos que vulgarmente se attribuem ás colonias gregas sejam mais celticos, como qualquer se convencerá lendo *Peloutier* na historia dos celtas.

J. da C. N. C.

NOTICIA D'ALGUNS TROVADORES PORTUGUEZES E GALLEGOS NOS PRIMEIROS SECULOS DA MONARCHIA, E DE SUAS POESIAS CONSIDERADAS COMO ELEMENTO DE PROGRESSO E APERFEIÇOAMENTO NA LINGUA NACIONAL.

Assim como as nossas idéas se multiplicam á proporção que se augmentam os nossos conhecimentos, da mesma sorte conforme o auge destes e daquellas assim se multiplicam os signaes e se augmentam as linguas. Ora se bem reflectirmos no objecto amplissimo que a poesia abraça não podêmos imaginar cousa alguma que atráia maior copia e variedade de idéas, nem presuponha mais vastos conhecimentos do que ella, e por conseguinte nada ha mais capaz de enriquecer e augmentar as linguas.

Estas e outras mui sensatas e atiladas reflexões encontrámos n'uma memoria erudita de um sabio academico portuguez (*) que nos comprazemos de citar e louvar. Ao mesmo tempo porem que lhe pagámos nosso tributo de reconhecimento, penalisa-nos o vêr como este estimavel escriptor, saltando por cima de quatro seculos da historia nacional, foi começar suas investigações e exames na poesia classica de Ferreira e dos outros modelos contemporaneos, e parece haver condemnado a um ignominioso desprêso todas as trovas e mais composições poeticas dos seculos anteriores.

Mas em historia e litteratura, como em muitas outras sciencias, os dogmas absolutos exclusivos são ordinariamente falsos. Costumaram-se os homens a chamar barbaros aos tempos que precederam o

(*) Antonio das Neves Costa = Ensaio sobre a philologia portugueza = no Tom. 5.º das Mem. de Lit. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa.

renascimento das letras na Europa, e como se a illustração intellectual cahisse das nuvens já toda perfeita e acabada privam-se do prazer indefinível de ir seguindo passo a passo o desenvolvimento da intelligencia em suas differentes gradações, e de assignar e marcar as causas que a promoveram ou retardaram. Tal é a marcha da natureza em todas as obras da criação, tal devia ser a da philosophia em sua analyse. Nós procuraremos ainda, se a vida e o tempo nos durar, encher esta lacuna desagradavel e ingrata nos annaes da philologia portugueza: neste logar nos não é possível avançar mais longas discussões; limitaremos portanto o nosso trabalho, o qual será destinado a dar algumas noticias geraes, áquellas somente que mais de perto servirão ao nosso assumpto linguistico.

Mr. Raynouard disse muito bem, na sua grammatica compara-la das linguas da Europa latina, que a lingua romana ou do trovadores precedeu e preparou a formação das linguas particulares a cada uma das nações da Europa meridional. Esta operação geral e simultanea é um facto tão incontestavel, quanto maravilhoso, porque conservando cada uma das linguas o seu typo e caracter particular, nacional, vê-se que todas abraçarão os termos e locuções da lingua romana, e que, separados aquelles typos fundamentaes, todas ellas são realmente a mesma lingua. Esta lingua generalisada, universal nas nações meridionaes é aquella a que se dão os nomes de lingua provençal, limosina, catalã, valenciana, e gallega, a lingua em fim dos trovadores. Nós reservámos para depois o darmos os exemplos de demonstração daquella these, por agora diremos algumas noticias da origem e nascimento desta lingua prodigiosa, permitta-se-nos a expressão, e como é que se inoculou no nosso territorio.

A opinião commum é que os primeiros trovadores foram italianos. Sua lingua nacional mais doce, mais harmoniosa, mais poetica emfim que todas as outras da meia idade deu aos seus naturaes maior facilidade para as trovas; o seu clima, o seu céu puro e brilhante forneceu-lhes inspirações poeticas; algumas outras circumstancias accidentaes, tal como o favor e illustração dos principes que dominaram no paiz, as conquistas sobre os sarracenos que se haviam apoderado do territorio, e mais tarde a empreza e entusiasmo das cruzadas deviam produzir mais cedo o desenvolvimento do estro. Os soberanos da raça normanda que se assenhorearam da Sicilia sobre os sarracenos, os dois Rogerios, e os dois Guilhermes ahí estabelecidos desde o meio do seculo 12.º fizeram resoar na rica e voluptuosa cõrte de Palermo os cantos dos poetas sicilianos, e no continente da Italia o imperador Frederico 2.º, que ahí mesmo nascêra nos fins do mesmo seculo, protegeu particularmente os trovadores, e elle mesmo foi poeta. — Passaremos em silencio os nomes daquelles, pois que nos não propomos escrever a historia desta parte da litteratura italiana que todos podem encontrar na obra da Tiraboschi; e dos principaes fez menção o Marquez de Santillana na carta ao condestavel portuguez D. Pedro, inserta na collecção de poesias castelhanas de D. Thomaz Antonio Sanches. Cesar Nostradamus, que tambem era provençal, attribue aquella qualidade ao imperador Frederico 1.º, o Barbarruca, pai do supra indicado, e disso se capacitou o mencionado Sanches a pag. 63 do Tom. 1.º da citada obra, o qual floresceu pelos annos de 1150; fosse porem ou um, ou o outro o trovador, protector dos trovadores,

apraz-nos consignar aqui uma trova das suas, feita em louvor e lisongeria delicada das diversas nações que o haviam seguido em suas expedições: —

Plas mi cavalier francez,
E la donna cathalana,
E l'onrar del ginoez,
E la cour de kastellana,
Lou cantar provençalés,
E la danza trevisana,
E lou corpo aragonéz,
E la perla juliana,
Las mans et kara d'anglez,
E lou donzel de Tuscana.

Os echos melodiosos das poesias italianas atravessaram promptamente os Alpes, e produziram um igual desenvolvimento na polida cõrte dos condes de Provença: na capital Limóges foi cultivada com extraordinario applauso, e d'ahi veio denominar-se poesia provençal, e limosina. O dialecto dos francos não havia penetrado tanto no meio-dia e sul da França, e conservadas ahí melhor as fórmulas latinas era mais facil abraçar uma linguagem muito approximada da do paiz. Todo o litoral desde os Alpes até aos Pyreneos retumbou por este tempo [sec. 11, 12 e 13] com os *dizeres* e *cantares* dos trovadores provençaes que bem depressa fizeram esquecer seus mestres (::).

Os condes de Barcelona succederam no senhorio do Limosino e da Provença, e importaram para Barcelona a mercadoria da moda, a poesia provençal, protegeram-a e praticaram-a. Encorporado este condado no reino d'Aragão os reis D. Pedro 2.º e D. Pedro 3.º puxaram ao centro de seus estados o gosto da poesia em que ambos foram versados, e sua cõrte em Saragoça foi famosa por sua polidez e cultura scientifica. Finalmente quando Jaime 1.º conquistou Valencia aos mouros, para ahí foi a poesia aragoneza na tenda do magnanimo conquistador, ahí se plantou e prosperou a ponto de poder tambem dar nome ás aguas, e se disse poesia e lingua valenciana, como se havia antes chamado aragoneza e catalã, provençal e limosina. Toda esta serie e carreira de successos aconteceram desde o meado do seculo 11 até ao fim do seculo 13.

Deixemos agora os paizes banhados pelo mar mediterraneo, e vejamos porque fado benefico, porque casualidade feliz a voz e a lyra provençal atravessou transpondo as montanhas das Asturias e do reino de Leão para virem figurar com vantagem, e formarem eschola na Galliza e Portugal. Este facto é-nos attestado pelos mesmos auctores castelhanos, interessados por ciume e rivalidade em não confessar uma primazia litteraria em que não tem parte. O citado Marquez de Santillana que nasceu em 1398, e floresceu em tempos de D. João 2.º de Castella assim o escreveu ao nosso condestavel, filho do infante D. Pedro duque de Coimbra: — Depois [dos trovadores catalães e aragonezes] fallaram esta arte [o provençal] que maior se chama, e arte commum, segundo creio, nos reinos de Galliza e Portugal, onde não ha duvida que o exercicio destas sciencias mais que em nenhuma outras regiões ou provincias d'Hespanha se costumou; e chegou isto a tal ponto que não ha muito tempo quaesquer *dizedores* e trovadores destas partes, ou fossem castelhanos, andaluzes, ou da Estremadura *compunham*

(::) Alguns AA. pertendem que, ás avessas, fôra da Provença que a poesia passou á Italia.

todos suas obras em lingua gallega, ou portugueza; e ainda desta é que recebemos os nomes da arte, chamando-a mestria maior ou menor &c.

Esta passagem dos escriptos d'um homem tão erudito, e versado nestas materias qual o marquez de Santillana é de grande importancia, em quanto prova duas cousas: 1.^a que em Galliza e Portugal se praticou a arte de trovar mais do que em nenhuma das outras regiões d'Hespanha; 2.^a que a linguagem em que nas ditas provincias de Portugal e Galliza se compunham estas trovas e cantares era uma lingua propria e particular que se fallava, ou em que se escrevia a poesia, e por imitação adoptada neste mesmo genero de litteratura pelos castelhanos, andaluzes e estremehos. Podemos por consequencia concluir que em Portugal e Galliza se criou e formou um dialecto á parte, mais harmonioso e poetico do que o castelhano, uma lingua provençal portugueza ou galega, differente dos dialectos communs da Hespanha em geral.

Com effeito quando se confrontam as *trovas e cantares* usadas nesta parte da Peninsula com as dos provençaes propriamente ditos, e as dos catalães e aragonezes, encontra-se uma semelhança que nos maravilha. Nós nos dispensaremos de gastar tempo com a analyse destas relações de semelhança, porque trabalho é esse que está feito por Mr. Raynouard na citada sua obra = Grammatica comparada das Linguas; = nós produziremos unicamente alguns exemplos das mesmas trovas para que os leitores pela simples comparação dellas possam achar as razões de semelhança e identidade.

Este dialecto provençal portuguez foi com effeito tido em tal estimação, que os principes mais illustres, alem de outros cavalleiros illustres do reino, o cultivaram e praticaram com esmero. Elrei D. Diniz foi o primeiro delles; assim o attesta o citado marquez na sobredita carta, dizendo = sendo eu assaz moço, pequeno, e estando em poder de minha avó, D. Mecias de Cisnéros, recorde-me de ter visto um grande volume de cantigas, serranas, e dizeres portuguezes e galegos, dos quaes a maior parte eram d'elrei D. Diniz de Portugal, cujas obras aquelles que as liam louvavam muito de conterem invenções subtis e graciosas, e doces palavras. Havia ahí outras de João Soares de Paiva, o qual se disse ter acabado seus dias em Galliza por amores com uma infanta de Portugal. Assim como outras de Fernão Gonçalves de Sanabria, &c. = Do conde de Barcellos, D. Pedro, sabemos nós por uma verba do seu testamento que compozera um livro de cantigas, que legou a seu parente, rei de Aragão, provavelmente trovador elle mesmo. Alem destes se encontram nos nossos chronistas e nos documentos avulsos da meia idade noticias de outros portuguezes dados á poesia do tempo. Manuel de Faria e Sousa, que tambem foi curioso de versos, [em que todavia não foi mui feliz] nos commentarios ao Nobiliario do conde D. Pedro faz menção dos seguintes = João de Gaya que foi mui bom trovador — Fernão Garcia o Esgaravanha — Estevão Annes de Valladares — sobredito João Soares de Paiva — João Martinez — Vasco Fernandes Praga. = E todos estes são anteriores ao mesmo conde D. Pedro, e portanto floresceram nos seculos 12.^o, 13.^o até o meado do 14.^o (Continuar-se-ha).

THEOREMAS DE PLATÃO.

DUAS COUSAS SÃO NECESSARIAS PARA BEM RESOLVER UMA

questão: — perfeito conhecimento do assumpto, e engenho no que disputa, para applicar discretamente os principios, e dispôr dos meios. Sempre fez progressos em qualquer sciencia o homem que sabe a ella sujeitar-se.

A ignorancia do assumpto e a falta de engenho de quem o trata são os dois escolhos em que naufragam as questões.

O homem que ousa disputar sobre qualquer sciencia sem a conhecer, é um perfeito mentecapto que não só se ridicularisa aos olhos do mundo, como profana indecentemente as cousas mais nobres e respeitaveis.

O homem de bem deve ter realmente as qualidades que deseja que todos nelle reconheçam; cumprindo-lhe zelar a sua boa fama, mormente no tocante ao futuro. A attenção que isto demanda é mais um argumento em favor da immortalidade da alma.

Um amigo é um thesouro preciosissimo — a sua coadjuvação é efficaz em todos os transes da vida.

Um bom conselho é o melhor fructo, e o primeiro dever do verdadeiro amigo.

Assim como é justo dar conselhos a quem é capaz de abraçá-los, assim devem ser negados a quem delles usa mofar.

O caracter do sophista cifra-se na avareza, ambição e temeridade. Tem elle constantemente os olhos cravados no interesse, que é o unico movel das suas acções.

O homem que não obedece aos preceitos da sã philosophia constitue-se para com esta réu de grande crime; e muito mais se dizendo confessá-la lhe impõe o ferrete da ignominia pelo máu uso que della faz.

Porque alguém abusou de uma cousa não se segue que devamos despreza-la inteiramente: — convem examinar-lhe a natureza, e estimá-la depois conforme o seu merito.

A practica é a mestra de todas as cousas, e sem ella de pouco ou nada serve o conhecimento de qualquer sciencia ou arte. Se houvera uma sciencia que desse immortalidade, de que nos serviria esta se ignorassemos o modo de a aproveitar?

Os que se applicam a muitos estudos não dão grande passo para a sciencia. Da confusão é que nasce a escuridade.

O philosopho deve ser docil e tratavel, porque nada ha mais contrario á sua profissão do que a severidade feroz. Deve ter maneiras agradaveis e singelas, adaptadas á convivencia social.

O philosopho que taes prendas possuir será bom, quer para ensinar moral, quer para governar a republica.

Se a philosophia parece inutil e damnosa ao governo do estado, a culpa disso tem-na a ignorancia de certos homens que se atrevem a julgar de cousas que não entendem; — e tambem a immoralidade de outros que abusam indignamente do nome e estudo daquella sciencia. É por isso grave injustiça imputar o mal á philosophia, tomada na sua verdadeira e genuina accepção.

(Extrahido do Eutidemo.)

AS NOSSAS ACÇÕES LOGO REVELAM OS SEGREDOS DA ALMA.

Ha um sentimento que nos obriga a amar o proximo, ainda que Deus o não ordenasse tão positivamente.